

EXPERIÊNCIA PRÉVIA E PARTILHA DE CONHECIMENTO: A PRÁTICA DO PROJETO UNIVERSIDADES EM TIMOR-LESTE¹

Maria Lucia Marcondes VASCONCELOS (UPM/ SEE)²
Regina Helena Pires de BRITO (UPM/INL-Timor-Leste)³
Rosemeire Leão FACCINA (UPM)⁴

Resumo - Apresenta-se, aqui, o material didático elaborado para o desenvolvimento das atividades do Projeto Universidades em Timor-Leste – “Canção Popular e Música Brasileiras em Timor-Leste” -, implantado de agosto a dezembro de 2004. Objetivando levar ao timorense uma nova possibilidade de aproximação com a Língua Portuguesa, escolhida como oficial (ao lado do tétum), as atividades didáticas foram programadas de modo a não impor, autoritariamente, uma cultura alienígena – a brasileira. Privilegiou-se desenvolver o conhecimento da língua, aproveitando-se o interesse, constatado entre os timorenses, pela MPB.

Abstract - The aim of this work is to introduce, in general lines, the material especially designed for the development of activities for Projeto Universidades em Timor-Leste – “Canção Popular e Música Brasileiras em Timor-Leste”. The main objective is to take the Timorese to a new possibility of approximation to the Portuguese language which was chosen to be the official language (besides the Tetum) – in particular, the educational activities in this subproject were planned in a way not to impose an alien culture – the Brazilian. An anthology of lyrics, as well as the texts, and part of the activities to be applied in class, was prepared with the purpose of arranging the Timorese students’ activities.

1. Introdução

A ilha de Timor, dividida em Timor Oeste (a parte legítima da Indonésia) e Timor-Leste, situa-se entre o sudoeste asiático e o Pacífico sul, a 500 km da Austrália, e é uma das mais orientais do arquipélago indonésio, no grupo das ilhas Sunda. Timor-Leste, com cerca de 480 km de comprimento e 100 km de largura no seu ponto mais extenso, tem em si uma área de quase 19.000 km², constituído pelo enclave de Oe-Cusse (na costa norte de parte ocidental), pela ilha de Ataúro (a 23 km de Díli), o ilhéu de Jaco (separado por canal da ponta leste) e a metade oriental da ilha de Timor. Historicamente, o território foi colônia portuguesa desde o século XVI; esteve ocupado pelo Japão durante três anos, na altura da 2ª Grande Guerra Mundial, e foi invadido pela Indonésia em 7 de dezembro de 1975, numa incursão que se prolongou até 1999.

Nesse período, Timor-Leste vivenciou uma política de “destimorização” aplicada pelo dominador indonésio, que, no plano lingüístico, representou a inclusão de uma nova forma, manifestada na imposição da “bahasa indonésia” (uma variante do malaio), na minimização do uso da língua nacional, o tétum, e na perseguição do português⁵. Em 1999, a ONU chega ao território a fim de garantir a paz e iniciar a reconstrução do território, trazendo consigo o inglês, sua língua de trabalho (e que já se fazia presente devido especialmente à

¹ O Projeto Universidades em Timor-Leste (edição 2004) foi uma ação conveniada entre três universidades brasileiras (USP, UPM e PUC-SP) e a Universidade Nacional de Timor-Leste, com o apoio do Governo Federal brasileiro e da Presidência da República de Timor-Leste

² Vasconcelos.pos@mackenzie.br

³ rhbrito@mackenzie.br

⁴ rosefaccina@mackenzie.br

⁵ Conforme Brito (2004, p. 322-4) Lingüisticamente, Timor-Leste se apresenta como um grande e complexo mosaico: além do tétum, língua falada por todo o país, e de dezenas de outras línguas locais, os timorenses falam a língua indonésia e procuram se expressar em inglês e português. Estimativas apontam que as crianças em fase pré-escolar falam tétum (repleto de palavras do português), os adolescentes e adultos jovens utilizam-se da língua indonésia e a geração com mais de 40 anos fala ou traz na memória o português. As dezenas de línguas originais do país pertencem à família das línguas austronésias (ou malaio-polinésicas) ou à família das línguas papuas (ou indo-pacíficas), diversidade lingüística que se explica principalmente por Timor ter sido parte de rotas de migrações várias.

proximidade com a Austrália). Quando, no dia 30 de agosto de 1999, 78,5% da população timorense decidiu, em plebiscito, por sua independência, apesar das circunstâncias adversas da época e após os quase 25 anos da violenta ocupação a vitória obtida pela Nação timorense, na luta pela reconquista de sua liberdade, foi, além de um ato de coragem, uma significativa vitória da esperança. Essa esperança que, também, se traduziu pela escolha de uma língua, num retorno a uma identificação com o antigo colonizador, aquele com o qual o povo mais se aproximava, fez mais sentido do que aceitar, como muitos ainda defendem, a oficialização de outra língua, como o inglês, por exemplo.

A idéia de preservação da esperança é uma constante na obra do educador Paulo Freire, para quem o ser humano, sabendo-se inacabado, incompleto, busca e busca sempre. Procura conhecer mais e, ao saber mais, sente-se pronto para prosseguir nesse processo de busca contínua, ininterrupta, constante, que deve ocorrer ao longo de toda a sua vida. Seria, portanto,

[...] uma contradição se, inacabado e consciente do inacabamento, primeiro, o ser humano não se inscrevesse ou não se achasse predisposto a participar de um movimento constante de busca e, segundo, se buscasse sem esperança. A esperança é uma espécie de ímpeto natural possível e necessário, a desesperança é o aborto deste ímpeto. A esperança é um condimento indispensável à experiência histórica. Sem ela, não haveria História, mas puro determinismo. (FREIRE, 1996, p. 80-81)

A nação Timor-Leste começou a se organizar em todos os setores, público e privado. O sistema formal de ensino foi, reconhecidamente, encampado pela cooperação Portuguesa, que não só contribui com material didático-pedagógico e programas de ensino, mas ainda enviou profissionais capacitados em várias áreas do conhecimento que, desde a independência do país, lá se colocaram.

Vale ressaltar que, durante a ocupação Indonésia, praticamente duas gerações de jovens deixaram de falar português, resultando uma lacuna que ainda não pôde ser absorvida pelo sistema de educação formal. São esses jovens falantes da língua Indonésia e do Tétum que demonstram alguma relutância e, por vezes, pouca motivação para o aprendizado formal da língua portuguesa, agora oficial. É nesse espaço circunscrito numa modalidade de educação não-formal que o Projeto Universidades em Timor-Leste atuou, respeitando as diretrizes acordadas entre os propositores do Projeto e o Ministério da Educação, Cultura, Juventude e Desporto. Assim é que o Projeto inseriu-se no Departamento de Educação Não-Formal (DENF) desse Ministério, trabalhando de maneira harmoniosa com o sistema formal, na medida em que gera uma demanda para a frequência dos cursos regulares oferecidos nas escolas timorenses.

2. O Projeto

O Projeto Universidades em Timor-Leste, uma ação conjunta entre três universidades brasileiras e a Universidade Nacional de Timor-Leste, tem, portanto, como finalidade sensibilizar timorenses para a comunicação e expressão em língua portuguesa. Fundamenta-se em pesquisas, descrições e análises de caráter sociolinguístico, que vêm sendo desenvolvidas desde 2001 pelos lingüistas Regina Pires de Brito, pelo lado brasileiro, e Benjamim Corte-Real, pelo lado timorense. Na sua primeira edição (2004), o Projeto atendeu a uma clientela heterogênea, desde crianças até pessoas idosas, num total oficial de 600 timorenses beneficiados. Os locais de atuação foram, também, bastante diversificados, de modo a atender a uma demanda superior ao imaginado pelos seus idealizadores.

Com relação ao público-alvo, é preciso esclarecer ainda que, inicialmente, o projeto foi idealizado a fim de atender a uma parcela específica da população timorense, , jovens entre 12 e 25 anos, que ofereciam maior resistência ao aprendizado do português e que ainda não tinham sido contemplados, diretamente, por nenhum projeto de cooperação internacional. No entanto, quando da apresentação do projeto às autoridades timorenses, em outubro de 2003, verificou-se o interesse de outros segmentos para que o projeto tivesse sua clientela ampliada. Foi deste modo que passamos a atingir os alunos da Escola Primária Duque de Caxias⁶, os integrantes das Forças de Defesa de Timor-Leste, funcionários do Ministério da Educação, Cultura, Juventude e Desporto,

⁶ O nome dessa escola, como se vê, é uma homenagem ao patrono do nosso Exército, uma vez que esta escola foi “apadrinhada” pelos diversos contingentes brasileiros no período de 1999 a 2005, quando nossas tropas lá estiveram, atuando como forças de paz das Nações Unidas.

Organização da Juventude e dos estudantes de Timor-Leste e, ainda, *docentes* da Faculdade de Letras e Educação da Universidade Nacional de Timor-Leste (deste modo, além de oferecermos aos professores universitários timorenses uma espécie de “curso de difusão cultural”, possibilitamos a formação de agentes multiplicadores da metodologia utilizada).

Apresentando-se com a denominação **“Canção popular e cultura brasileiras em Timor-Leste: hibridismo cultural e comunitarismo lingüístico em execução e discussão”**⁷, o Projeto concebe, como Paulo Freire, a educação como prática permanente, oferecendo uma proposta metodológica que, voltada ao povo timorense, não o aviltasse com imposições autoritárias e artificiais.

Esse Projeto, que, como dissemos, abrangeu crianças, jovens e adultos em ambientes não vinculados à educação formal, comparáveis aos *Círculos de Cultura* preconizados por Paulo Freire⁸, buscou identificar uma metodologia que privilegiasse o interesse, já existente entre os timorenses, a respeito da música popular brasileira, bastante conhecida e apreciada por todo o país, intensificando-o. Com o objetivo de levar uma nova possibilidade de aproximação da Língua Portuguesa, escolhida pela população local, em plebiscito, como língua nacional, as atividades didáticas desse subprojeto foram programadas de modo a não impor, autoritariamente, uma cultura alienígena – a brasileira. Privilegiou-se desenvolver o conhecimento da língua, aproveitando-se o interesse, constatado entre os timorenses, pela música popular do Brasil. A música, portanto, funcionou como fator motivacional e facilitador do processo ensino-aprendizagem, buscando-se sempre ampliá-lo com discussões que levassem tanto a uma aproximação da língua, como à comparação entre as duas culturas e a um processo de avaliação crítica das mensagens veiculadas pelas letras das canções trabalhadas. Os timorenses atendidos pelo Projeto foram motivados a cantar e a falar em português, a dialogar, ensinando e aprendendo, fazendo amigos e se preparando para ingressar ou mesmo reingressar no sistema formal de ensino.



Cantando com as crianças da Escola Duque de Caxias (Díli, out/2003)

O trabalho didático, organizado em módulos temáticos (cada um previsto para duas aulas, com duração de 1h40min cada), desenvolveu-se com a atuação de seis equipes, compostas por três monitores (todos universitários, de diferentes áreas), previamente selecionados e preparados e que, além da orientação da Coordenação Geral do Projeto, baseada no Brasil, recebiam o apoio de uma Coordenação Local.

A Língua Portuguesa, para a cidadania timorense, reveste-se de um significado especial. Utilizada, durante o longo período de dominação indonésia, como língua de resistência, ela passa a ser a língua do Estado e, portanto, dominá-la vem a ser não só um desejo, mas um direito a ser garantido a todo cidadão timorense para que ele possa, assim, exercer, em sua plenitude, a tão sonhada e duramente conquistada cidadania⁹. Nesse

⁷ Este Subprojeto, de autoria de Regina Helena Pires de Brito e Benjamin Abdala Júnior, faz parte do Projeto “Universidades em Timor-Leste”.

⁸ Sobre os *Círculos de Cultura*, ver FREIRE, P. (1999) Educação como prática da liberdade, p. 111.

⁹ Paulo Freire esclarece que cidadão é o “[...] indivíduo no gozo dos direitos civis e políticos de um Estado e que cidadania tem que ver com a condição de cidadão, quer dizer, com o uso dos direitos e o direito de ter deveres de cidadão” (FREIRE, 2003, p. 45).

momento da conturbada história recente de Timor-Leste, era de fundamental importância respeitar sua cultura, pois

As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”¹⁰, sentidos com os quais [... um povo pode se] *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas [...] (HALL, 2005, p. 51).

No entanto, esteve sempre presente, no entendimento do grupo gestor do Projeto, a noção de que, por mais que se buscasse uma atitude democrática e não colonialista, senhorial, a estada da equipe de monitores brasileiros em terras timorenses era, de fato, uma influência externa, que possibilitaria um contato da cultura nacional de Timor-Leste com a cultura brasileira, refletida não só na Língua Portuguesa que se pretendia ensinar, mas principalmente na música (melodia e letra significando cultura), transformada em instrumento de aprendizagem, que ali já era veiculada e cuja permanência o projeto facilitaria.

Toda a ação dos monitores brasileiros, assim como o material didático utilizado como apoio ao processo de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa, foi pensada a partir do diálogo que se estabeleceria com os timorenses – sujeitos de toda a ação ali desenvolvida – e sempre com a preocupação de manter-se um clima dialógico, respeitando-se tanto a cultura local quanto a norma do português europeu por eles escolhida e provocando uma atitude de crítica e reflexão permanentes, tanto dos aprendizes, como dos monitores, que também aprendiam constantemente e (re)viam, na prática, os passos do projeto teoricamente planejados.

O projeto “Canção popular e cultura brasileiras em Timor-Leste: hibridismo cultural e comunitarismo lingüístico em execução e discussão” pautou-se por uma prática educativa democrática que, como recomendado por Freire (2000, p. 70-71), levou sempre em consideração o conhecimento e a experiência anteriores, trazidas pelo grupo participante, para, a partir deles, seguir adiante num processo de construção e reconstrução permanentes; tratou os alunos – epistemologicamente curiosos - como os reais sujeitos do processo; aceitou, como princípio inquestionável, a possibilidade desejável da convivência entre diferentes e, finalmente, não se pretendeu implementar um guia conteudístico do qual os monitores não poderiam e nem deveriam se libertar em função das situações reais que fossem vivenciadas.

Foi muito frisada nos treinamentos oferecidos, no Brasil, aos jovens universitários selecionados para essa empreitada, a estratégia que deveria reger todas as atividades em timor-Leste: respeito pela experiência prévia, o saber do aluno, estabelecendo um canal dialógico de interação, de relacionamento horizontal, que possibilitasse a escuta das urgências e opções dos educandos, buscando sempre um significado social para as atividades que giravam em torno de um tema sugerido, mas que era decodificado na prática, em conjunto - tutor e alunos -, e relacionado ao universo ao qual eles pertenciam.

Ao implementar o projeto, o que seus tutores não deveriam perder de vista era o fato de que toda prática, não importando a que domínio pertença, estaria, sempre, circunscrita a certos limites e que tais limites seriam propostos pelos sujeitos aos quais o próprio projeto se destina.

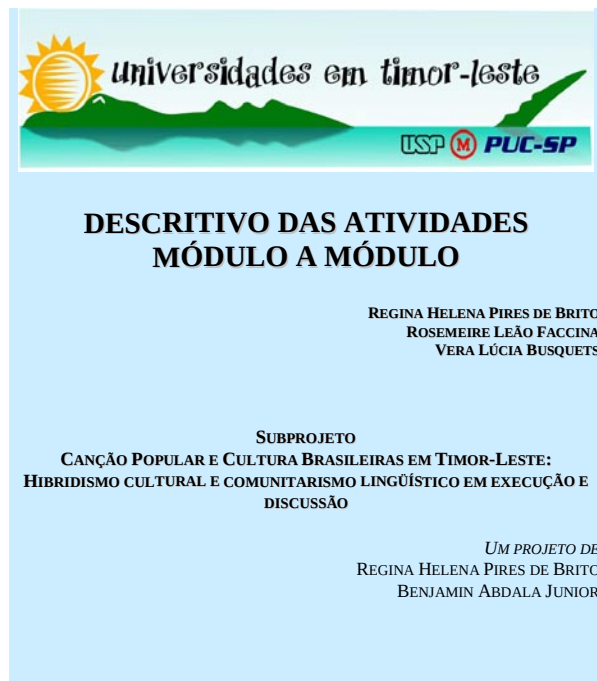
[...] A prática que é social e histórica, mesmo que tenha uma dimensão individual, se dá num certo contexto tempo-espacial e não na intimidade das cabeças das gentes [...]
A compreensão dos limites da prática educativa demanda indiscutivelmente a clareza política dos educadores com relação a seu projeto. Demanda que o educador assuma a politicidade de sua prática. [...] (FREIRE, 2003, p.46).

¹⁰ Grifos do autor.

3. O Descritivo

Foi elaborado um material de apoio usado pelos monitores, o “**Descritivo das atividades módulo a módulo**” que sistematizou as orientações dadas aos universitários brasileiros durante sua preparação/capacitação para atuarem em Timor-Leste, direcionando o trabalho realizado em sala de aula, e funcionando como elemento garantidor da homogeneidade de ação das sub-equipes responsáveis pelas turmas timorenses participantes:

Não se trata de um manual, mas sim de um material pensado e discutido para ser utilizado como norteador, como base, como princípio de homogeneidade, como ponto de partida para a execução do nosso Projeto. (Brito, Faccina, Busquets, 2004, p. 8).



Primeiras palavras

O material que aqui apresentamos foi elaborado com o intuito não só de direcionar o trabalho a ser realizado pelos monitores em Timor-Leste, sistematizando as orientações dadas no Curso de Capacitação, mas também de funcionar como elemento que garantirá o mínimo de unidade de ação por parte das diferentes equipes constituídas, nos diversos locais de atuação e nas várias turmas de interessados timorenses. Não se trata de um manual, mas sim de um material pensado e discutido para ser utilizado como norteador, como base, como princípio de homogeneidade, como ponto de partida para a execução do nosso Projeto. A observação atenta das instruções aqui colocadas será fundamental para assegurar a eficiência, a eficácia e os resultados satisfatórios tão esperados em ambos os lados do planeta. É a força do trabalho conjunto que garantirá o sucesso desta nossa missão. É assim que temos atuado até aqui. É assim que queremos prosseguir.

*Regina Helena Pires de Brito
Rosemeire Leão Faccina
Vera Consoni Busquets*

Reprodução da Capa e do Prefácio do *Descritivo* utilizado pelos monitores brasileiros

O material visa à descrição, passo a passo, das atividades desenvolvidas com as músicas propostas, muitas escolhidas entre um repertório conhecido e apreciado pelo público timorense, e outras selecionadas para auxiliar na motivação e no trabalho lingüístico que se pretendia desenvolver. Além dessas músicas, foram adicionados textos diversos de temáticas afins, ampliando a possibilidade de discussão intercultural de aspectos do Brasil, do Timor e das demais culturas do mundo lusófono.

Os módulos foram organizados, levando em conta a estratégia de “ensinar a pescar”, ou seja, a de sugerir temas geradores (na acepção freireana do termo) de discussão – franco diálogo entre timorenses e brasileiros. Alguns temas como *amor, futuro, futebol, religiosidade* foram o centro das aulas, em torno do qual, abordaram-se questões lexicais, fonético-fonológicas e morfosintáticas sem, no entanto, usar a terminologia do ensino gramatical tradicional, já que a idéia primeira é a de simples motivação para. Isso posto, esses tópicos conhecidos e compartilhados, a princípio, permitiram não só conhecimento e entrosamento, mas também um verdadeiro intercâmbio cultural. Resta acrescentar que os estudantes timorenses, seus amigos e mesmo familiares, e os monitores brasileiros travaram conhecimentos além do esperado, saindo do âmbito profissional e adentrando o pessoal em relacionamentos de amizade e de afeto.

Quanto aos temas de cada módulo, é preciso explicitar que eles abarcam pelo menos uma canção já conhecida pelos timorenses e outras capazes de suscitar interações com o público. Adotou-se uma concepção sociofuncional dos fatos da linguagem, associando elementos musicais a fatos de língua, em atividades epilingüísticas, de operação e de reflexão sobre as canções e textos complementares e alguns aspectos de ordem

gramatical. No caso específico do Projeto *Universidades em Timor-Leste*, a escolha de músicas como instrumento de trabalho previa que o aprendiz estaria atento ao que ouvia. Grande parte das músicas selecionadas era já conhecida dos alunos, motivados por uma grande curiosidade em relação à cultura brasileira, e particularmente interessados, por exemplo, em nossos intérpretes, nossa dança e em nosso futebol - mas nem esse interesse previsível poderia dispensar uma pré-atividade que, de alguma forma, contextualizasse a canção que, ao ser trabalhada, por exemplo, questionasse os alunos sobre alguns aspectos inspiradores de diálogos:

- a. Quem lhes mostrou a canção pela primeira vez?
 - b. Qual a compreensão que têm da letra: de que trata a música?
 - c. Têm alguma curiosidade com relação aos intérpretes?
- E outras questões semelhantes. (BRITO; FACCINA; BUSQUETS, 2004: 10)

Com o intuito de se ter uma visão global do material elaborado, apresentamos, de forma esquemática, cada um dos módulos, a temática tratada e as músicas e textos sugeridos para as atividades. Com isso, pretendemos exemplificar as canções e os temas recorrentes e preferidos pela população timorense e que nos serviram de instrumental para o trabalho de incentivo à comunicação e expressão oral em língua portuguesa.

1º Módulo – Tema: Amor

“Pense em Mim” (Leandro e Leonardo)
“Eu só quero um xodó” (Gilberto Gil)
Músicas para atividades suplementares:
“Eu te amo, te amo, te amo” (Roberto Carlos)
“Seu nome” (KLB)
“Garota de Ipanema” (Vinícius de Moraes)

2º Módulo – Tema: Religiosidade e fé

“Jesus Cristo” (Roberto Carlos e Erasmo Carlos)
“Maria de Nazaré” (Padre Zezinho)
Músicas para atividades suplementares:
“Andar com fé” (Gilberto Gil)

3º Módulo – Tema: Futebol

“Futebol” (Nando Reis)
“País Tropical” (Jorge Ben Jor)
Textos complementares: “A língua e o fato” (Carlos Drummond de Andrade)
“Regras do futebol de rua” (Luís Fernando Veríssimo)
Músicas para atividades suplementares:
“Camisa Dez” (Luiz Américo)
“O futebol” (Chico Buarque)

4º Módulo – Tema: Carnaval

“Beija-flor” (Timbalada)
“Yes, nós temos bananas” (João de Barros e Alberto Ribeiro), “Chiquita Bacana” (João de Barros e Alberto Ribeiro) e “A filha da Chiquita Bacana” (Caetano Veloso)
Músicas para atividades suplementares:
O sol brilha eternamente sobre o mundo de Língua Portuguesa (Samba-enredo da Unidos da Tijuca, 2002)
Textos complementares: “Unidos da Tijuca exalta a Língua Portuguesa na Avenida”
“Exaltação à Língua Portuguesa” (Aldo Rebelo)

5º Módulo – Tema: Saudade

“É o amor” (Zezé di Camargo e Luciano)
“Quando” (Roberto e Erasmo Carlos)
Músicas para atividades suplementares:
Para as Forças Armadas: “Coração de luto” (Teixeirinha)
“Chega de saudade” (Vinícius de Moraes e Tom Jobim)

6º. Módulo – Tema: Terra e Origem

“Felicidade” (Caetano Veloso)
“Aquarela Brasileira” (Silas de Oliveira)
Texto Complementar: “Comentário do carnavalesco Ilvamar Magalhães a respeito do enredo revivido no carnaval de 2004 pela Império Serrano”
Músicas para atividades suplementares:
“Morango do Nordeste” (Walter dos Afogados e Fernando Alves)
“Cio da Terra” (Chico Buarque e Milton nascimento)

7º. Módulo –Tema: Futuro

“Um sonhador” (Leandro e Leonardo)

“A paz” (Gilberto Gil)
Músicas para atividades suplementares:
“Amanhã” (Guilherme Arantes)
“Mandeí avisar” (Gabriel, o pensador)

8º Módulo – aferição parcial

Produção coletiva e apresentação dos alunos timorenses.

9º Módulo –Tema: Esperança

“Era uma vez” (Toquinho - Sandy e Júnior)
Texto Complementar: “A origem da ilha de Timor” (adaptação livre)
“Enquanto houver sol” (Brito - Titãs)
Músicas para atividades suplementares:
“Além do horizonte” (Roberto Carlos e Erasmo Carlos)
“Força Estranha” (Gal Costa)

10º Módulo – Tema: Tempo

“Tempo Rei” (Gilberto Gil)
Texto complementar: “A coruja e a água”
“Sobre o Tempo” (Pato Fu)
Músicas para atividades suplementares:
“Oração ao Tempo” (Caetano Veloso)
“Tempo Perdido” (Legião Urbana)
“Vou deixar” (Skank)

11º Módulo – Tema: Passado/Presente/Futuro

“Não Chore Mais” (B. Vicent, versão: Gilberto Gil) / “La bele tanis” (versão em tétum)
“Tempos Modernos” (Lulu Santos)
Músicas para atividades suplementares:
“Nada Será Como Antes” (Milton Nascimento / Ronaldo Bastos)
“Lilás “ (Djavan)

12º Módulo – Tema: Loucura

“Balada do Louco” (Arnaldo Batista / Rita Lee)
“Maluco Beleza” (Raul Seixas / Cláudio Roberto) / La bele tanis
Músicas para atividades suplementares:
“Dona Doida” (Rita Lee)

13º Módulo – Tema: Construção poética

“Amar como Jesus amou” (Padre Zezinho)
“Batmacumba” (Gilberto Gil)
Músicas para atividades suplementares:
“Construção” (Chico Buarque)

14º Módulo – Tema: Saudações e cumprimentos

“Não aprendi a dizer adeus” (Leandro e Leonardo)
“Sinal Fechado” (Paulinho da Viola)
Músicas para atividades suplementares:
“Como vai você?” (Roberto e Erasmo)
“Canção da América” (Milton Nascimento)

15º Módulo - aferição final

Produção coletiva

4. Desenvolvimento de uma atividade passo a passo: a sugestão do *Descritivo* e um relatório de aula

Tendo como ponto de partida a discussão a respeito dos autores, dos intérpretes, da banda e do tema, é possível trabalhar, nas aulas de língua, a música como pretexto para atividades orais e escritas na língua-alvo, além de propiciar a oportunidade de criar paródias, traduções, dramatizações, simular entrevistas etc., a partir da letra. O Projeto foi organizado com o intuito de possibilitar atuações diversificadas com as músicas selecionadas para todas as aulas. O *Descritivo* traz, além dos objetivos da aula e do material necessário para realizá-la, a fim de direcionar as atividades desenvolvidas em sala de aula, uma sugestão de passos para o desenvolvimento das atividades pelos monitores.

Em sequência, reproduzimos, do *Descritivo das Atividades Módulo a Módulo*, as sugestões de atividades usadas pelos monitores na 1ª. Aula do 11º. módulo, que trazia a canção “**Não chore mais**”:

11º Módulo – Tema: Passado/presente/futuro

1ª. Aula – “Não chore mais”

Versão: Gilberto Gil
Original: Bob Marley

No, no, woman, no cry
No, woman, no cry
No, no, woman, no cry
No, woman, no cry

Bem que eu me lembro,
A gente sentado ali
Na grama do aterro sob o sol,
Observando hipócritas
Disfarçados rondando ao redor.
Amigos presos, amigos sumindo assim,
Prá nunca mais...
Nas recordações retratos do mal em si,
Melhor é deixar prá trás.

Refrão: Não, não chore mais,
Não, não chore mais.
Menina, menina,
Não chore assim,
Não, não chore mais.

Bem que eu me lembro,
A gente sentado ali
Na grama do aterro sob o céu,
Observando estrelas
Junto à fogueirinha de papel.
Esquentar o frio, requeimar o pão
E comer com você,
Os pés, de manhã,
Pisar o chão,
Eu sei a garra de viver.

Mas, se Deus quiser
Tudo, tudo, tudo vai dar pé (8 vezes),

Refrão

Objetivos: sociabilização, desinibição, discutir a possibilidade da tradução/versão.

Estratégia de apoio: reconhecer a versão em tétum pela melodia da canção.

Material: CD, CD player, instrumento, letras da música .

Etapas:

1. Iniciar a aula apresentando somente a melodia (tocar 2 vezes).
2. Observar se os alunos reconhecem a melodia.
3. Os monitores cantam a canção em tétum. Observar a reação dos alunos. Na medida do possível, fazê-los cantar com vocês.
4. Apresentar a letra da canção em tétum. Pedir que lhes expliquem o conteúdo da canção que acabaram de entoar em tétum.
5. Colocar o CD com a versão de Gilberto Gil e pedir que acompanhem a letra em português.
6. Verificar diferenças no sentido da letra. Mostrar que uma melodia pode propiciar diferentes mensagens.
7. Solicitar que criem, coletivamente, uma nova letra para a melodia. Pode-se sugerir um novo título para facilitar a tarefa. Por exemplo: “Não sofra mais”; “Não volte mais”, etc (pode-se fazer, também, uma paródia). Os monitores escrevem a produção (no quadro, se houver possibilidade).
8. Toca-se a melodia e todos cantam a nova composição.

La bele tanis

Loron ida ha ´u tur iha tasi ibun
Ha ´u tur iha fatuk ida nia leten
Matan been sulin hela
Tansa mak ó tanis
La... labele tanis
La... labele tanis

Ha ´u sei tanis tamba ó husik ha ´u
Hadomi ne ba ha´u hotu ona
Laran do dok tebes susar mos bei beik
La... labele tanis
La... labele tanis

Não chores mais

Um dia estou sentado na praia
Sentado em cima de uma pedra
Lágrimas rolam sem parar
Por que é que você está chorando?
Não... não chore mais
Não... não chore mais

Eu continuo chorando porque você me deixou
O amor acabou para mim
Minha alma vai sofrer para sempre
Não... não chore mais
Não... não chore mais

(BRITO, FACCINA et BUSQUETS, 2004: 85-6)

Após o término das atividades em sala de aula, cada equipe de monitores fazia um relatório das reações, dificuldades, aspectos positivos e negativos, resultados, etc, que eram discutidos com a coordenação acadêmica local e, em seguida, encaminhados para análise da Coordenação Lingüística e Didático-Pedagógica, via e-mail, baseada no Brasil. Pelo exame do relatório abaixo, por exemplo, pode-se verificar que os monitores, de fato, nortearam o desenvolvimento das atividades a partir das sugestões dadas no *Descritivo*, fazendo adequações sempre que necessário:

Relatório – aula 1 – Módulo 11
Data: 09 de novembro de 2004
Música: “Não chore mais” Força de Defesa de Timor-Leste
Equipe Ina O

Pedimos aos alunos que pensassem a respeito do que gostariam de apresentar no dia da festa de encerramento do curso. Nós não estávamos muito certos quanto ao que eles gostariam de fazer, se cantar ou dançar, e o quê especificamente. Então deixamos que eles pensassem, falassem com os colegas que faltaram e dessem-nos a resposta na próxima aula.

Distribuímos adesivos e pulseirinhas do Brasil para os alunos. Explicamos o que é uma antologia, e falamos sobre as atividades contidas em algumas das letras da mesma.

Então começamos a tocar no violão os acordes da música para que eles fizessem o reconhecimento; foi preciso tocar por um longo tempo até que alguns alunos cantassem o refrão em tétum: “la...la bele tanis”. Apontamos a eles em que página estava a música na antologia e também a versão em português; eles ficaram muito contentes em ver a música escrita em tétum. Tocamos a versão em português, dessa vez em cd, e pedimos para acompanharem-na. Explicamos que as duas músicas ouvidas eram versões de uma outra, “No woman, no cry”, de Bob Marley, o que alguns já sabiam. Então explicamos qual era a diferença entre versão e tradução, sendo as duas músicas dadas versões de “No woman, no cry”, já que se mantinha o ritmo e o refrão, mas com algumas modificações, desde a própria temática de cada uma delas.

Pedimos que um dos alunos lesse a música em tétum enquanto os outros respondiam lendo em português. Depois da leitura, nós cantamos a música com dificuldade, pois nem nós nem os alunos a conhecíamos muito bem.

Dividimos a turma em dois grupos para que iniciassem a preparação da apresentação do módulo 8, fazendo uma versão, tradução ou paródia.. Os dois grupos escolheram fazer versões/traduições de músicas em português para tétum e as apresentações serão feitas todas na próxima aula.

Kosolok nebe liu ona ba
Eno susar hela ona ha unia laran
Tamba ne’e mak hau hakarak fali seluk
Tamba buat ne’e bosok sai la mosu

Hau nia uma hela iha mundo nia kotuk
Hau ba ne’e deit segundo ida hau hahu canta
Hau la hanoin buat ida mais wainhira ho
Ema barak hau sei hanoin hetan fali

As explicações feitas em português foram bem difíceis para eles, e um aluno de cada grupo acabou “tomando conta” das apresentações. Não forçamos os outros a falar, pois, após insistirmos um pouco, percebemos que, por terem muita dificuldade de falar em público e em português, eles ficavam extremamente constrangidos. Alguns até tentaram começar a falar, mas se atrapalharam bastante e acabaram por desistir. O tétum foi um grande problema – eles mesmos, entre os grupos, corrigiam erros em tétum escrito, devido também à própria história da língua.

Algumas interpretações não cabíveis das palavras foram feitas, como, em “Felicidade”, eles confundiram com “mora” como sendo do verbo morrer, não do verbo morar, o que descobrimos enquanto eles explicavam; também colocaram “ema barak” na versão, que significa muitas pessoas, ou multidão, como eles mesmos responderam. Na verdade, eles colocaram isso, referindo-se a “a gente” que está no verso “mas como é que a gente voa quando começa a pensar”. Pedimos que eles substituíssem por algo que pudesse traduzir “nós” ao invés de “multidão”.

O engraçado é que eles deram alguns exemplos, timidamente, na hora de explicar assim como nós fazemos. Até chegaram a nos perguntar se havia alguma palavra desconhecida, ou ainda: “Alguma dúvida?”

Relatório encaminhado à Coordenação Geral do Projeto pela equipe Nara, Alexandre e Rodrigo Silva

5. Considerações gerais

Como se procurou demonstrar aqui, a estruturação de um projeto de sensibilização para a difusão e o incentivo da comunicação em língua portuguesa a partir de nossas manifestações musicais em Timor-Leste (ou em qualquer outro espaço de expressão oficial portuguesa) reveste-se de algumas especificidades (além das lingüísticas), dentre as quais destacam-se o conhecimento das transformações e das condições sócio-históricas e a importância do estudo dos valores e das relações culturais e da visão de mundo subjacente, que não deixa de trazer suas marcas em cada uma das línguas faladas nesses vários contextos.

Ao implementar o projeto, o que não se podia perder de vista era o fato de que toda prática, não importando a que domínio pertença, estará, sempre, circunscrita a certos limites e que tais limites seriam propostos pelos sujeitos aos quais o próprio projeto se destina.

[...] A prática que é social e histórica, mesmo que tenha uma dimensão individual, se dá num certo contexto tempo-espacial e não na intimidade das cabeças das gentes [...]

A compreensão dos limites da prática educativa demanda indiscutivelmente a clareza política dos educadores com relação a seu projeto. Demanda que o educador assuma a politicidade de sua prática. [...] (FREIRE, 2003, p.46).

Num Timor-Leste independente, vivendo intensamente seu projeto de reconstrução nacional, a presença de estrangeiros, ainda que chamados a contribuir num claro processo de redemocratização e de reafirmação da identidade nacional timorense, precisa ser criticamente analisada por esses mesmos estrangeiros (no caso, tutores brasileiros engajados num projeto de resgate da Língua Portuguesa), para que se busque compreender o momento histórico-político-social da Nação timorense, ação essa “[...], indispensável à demarcação dos espaços, dos conteúdos da educação, do historicamente possível, portanto, dos limites da prática político-educativa.” (FREIRE, 2003, p. 47).

Oh! Liberdade

[...]

*Se eu pudesse
ao cantar dos grilos
falar para a lua
pelas janelas da noite
e contar-lhe romances do povo
a união inviolável dos corpos
para criar filhos
e ensinar-lhes a crescer e a amar
a Pátria Timor!
(Xanana Gusmão)*

Referências Bibliográficas

BRITO, Regina Helena Pires de; FACCINA, Rosemeire Leão da Silva; BUSQUETS, Vera Lúcia Consoni Busquets (2004). **Descritivo das atividades módulo a módulo**. São Paulo: Projeto Universidades em Timor-Leste. (prelo – a ser publicado com o título: Sensibilizando para a comunicação em língua portuguesa – Uma experiência em Timor-Leste. São Paulo: Fundo Mackenzie de Pesquisa).

BRITO, Regina Helena Pires de *A língua adormecida: o caso Timor-Leste*. BASTOS, N.B. (org.) **Língua portuguesa em calidoscópio**. São Paulo: EDUC. 2004. pp.319-328.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 23. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. **Pedagogia da esperança**. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. **Política e educação: ensaios**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.